



Palmira Bastos, a illustre atriz que todos admiram e que tomou gentilmente parte na recita promovida pelo *Século* no teatro Republica, em favor dos nossos soldados.

II SÉRIE—N.º 613

Lisboa, 19 de Novembro de 1917

Ilustração Portuguesa

PORTUGAL, COLONIAS PORTUGUEZAS E HESPAÑHA
Assinatura Trimestre, 1\$45 ctv.—Semestre, 2\$90 cent.—Ano 5\$80 ctv. Numero avulso, 12 centavos
Numero avulso em todo o Brazil 700 réis.

Edição semanal do jornal Director—J. J. da Silva Graça
—O SÉCULO— Propriedade de J. J. da Silva Graça, Ltd.*
Editor—José Joubert Chaves
Redacção, administração e oficinas: Rua do Século, 42—Lisboa

“A PARISIENSE”

Chapelaria, camisaria e artigos de novidade para homem

JOÃO DE SOUZA

60. Rua Nova do Almada, 62 — LISBOA — 124, Rua S. Nicolau, 128 * TEL. 715



Estação d'inverno

Esta casa acaba de receber um completo sortido de guarda chuvas, impremiáveis, tanto para homem como para senhora, e um variadissimo sortido em malhas de lã, chapéus de feltro, flamons, etc., etc

Da maior conveniencia uma visita a este estabelecimento pelos preços excepcionalmente baratos dos seus artigos.



Tem cabelos brancos?

Se os quer vêr outra vez da sua primitiva cõr, não use a primeira tintura que lhe aconselhem, isso pôde ter inconvenientes maiores do que supõe: caír-lhe o cabelo, ter irritações de pele e até envenenamentos. Ao contrario, a

JUVENIA

que não é tintura, mas sim um tónico, faz voltar o cabelo á sua primitiva cõr sendo não só inofensiva mas até muito conveniente, porque o fortifica e o embeleza; dá-lhe um brilho incomparavel, limpa o couro cabeludo, faz parar, em muitos casos, a quêda do cabelo. Não tem nitrato de prata e não mancha a pele.

PERFUMARIA DA MODA — 5, Rua do Carmo, 7 — LISBOA

Agentes no Porto: BOTELHO DE SOUZA & C.ª, Rua de Passos Manoel, 53. 1.º

Lições da guerra

Tendo os aliados compreendido que uma das forças do inimigo consistia na unidade de ação, verdade, aliás, de apreensão fácil, resolveram-se a sacrificar o que cada um julgava ser de interesse próprio, unindo-se também sob aquele ponto de vista. Ha, contudo, quem note que o problema não fica resolvido, por duas razões: primeira, uma junta militar não é uma direção unica; segunda, as reuniões quinzenais da junta em Paris não satisfarão os casos imprevistos ou que exijam providencias immediatas.



Se a anedota é permitida em assuntos de tamanha seriedade, contaremos que não ha muito tempo vivia em certa cidade provinciana, da Extremadura, um commissario de policia que tinha hora certa para tomar conhecimento da correspondencia, qualquer que fosse a proveniencia d'esta.

Assim, muitas vezes che ou tarde ao local do delicto e quando todos os vestigios haviam desaparecido —o que sempre attribuia á imensa sorte dos delinquentes.

Crimes

Semana de crimes repugnantes foi a que passou, noticiando-se assassínios não só nos grandes centros, Lisboa e Porto, mas no que se convencionou chamar a *pacifica* provincia.

São de todos os tempos estes tristes casos, bem sabemos, mas se ha estatisticas exatas vêr-se-ha que, entre nós, ao derramamento de uma presumida instrução não corresponde diminuição na criminalidade, ao contrario do que seria de supôr, antes parece que o espirito mais se perverte quanto mais se ilumina.

E de acentuar é também que alguns criminosos que a policia consegue descobrir ou que espontaneamente se entregam á prisão, mostrem uma espantosa inconsciencia das suas responsabilidades, não dando ao facto de terem assassinado, maior importancia do que a qualquer ato corrente e trivial. Mataram, em geral, para afastar simplesmente um obstaculo aos seus desejos, arrancando uma vida como se arredassem um empecilho.

De onde virá este desprezo moderno pela vida humana, este esquecimento de que se pratica um mal irreparavel, esta brutal filosofia de considerar a unidade social como sendo tão insignificante que se pôde dispensar, sobretudo quando a sua existencia nos contraria? Ha, seguramente, razões para este estado de indiferença, doentio decerto, torpe sem duvida, mas que não deve passar despercebido aos dirigentes da sociedade, para o devido cauterio, de que voluntariamente se encarregaram. Ensine-se por todos os meios a respeitar a vida humana, até pelo exemplo.



Em defesa...

E' raro o cultor das belas-artistas que resiste á sua sedução, á embriaguez que d'ele se apodera de multiplicar belezas de estilo, tentado por imagens que lhe

bailam diante dos olhos, de se alongar quando o assunto pede brevidade, de derivar para campos diversos quando a unidade seria de rigor.

Um dos nossos mais illustres jornalistas, critico teatral, a proposito de uma liga de empregarios de casas de espetaculo, pinta, com as maravilhosas cores da sua paleta privilegiada, um vasto quadro de episodios de bastidores;

mas o pincel é manejado com febre, fixa inesperadas manchas para a direita e para a esquerda e, involuntariamente, fere-nos a vista em cambiantes violentos e desarmônicos,

precisamente quando ella necessitava de repousar nos tons suaves e delicados d'uma aguarela.

Não, carissimo pintor: o ator Amarante não serve apenas para cantar fadinhos, nem a sua companhia seria desprimorosa para grandes artistas do teatro de declamação, residindo, afinal, na observação, que o autor do quadro em outrem tanto admira, uma das suas primeiras qualidades, e a atriz Satanela não se salienta unicamente em bailados dengosos, nem — céus! — por que tenha *olhos redondos, como clara-boias*. Aqui é que o pincel esparrinhou desastrosamente as tintas, atraiçoando a intenção do artista, que nunca pode deixar de ser galante com as senhoras.

E de aí, bem pode ser que a imagem fosse lançada ao papel como uma amabilidade, de onde a sem-razão das nossas observações e do seu titulo, tanto mais que uns olhos tão bonitos não precisam da defesa de ninguém: defendem-se perfeitamente por si proprios.

O jogo

Discute-se, pela milesima vez, o problema do jogo: se deve ser permitido, se proibido, se regularizado... Isto porque um assalto recente a certo club foi noticiado largamente e porque outros clubs de tavolagem, publicamente conhecidos, funcionam em liberdade.

E' provavel que a questão permareça no seu antiço pé, isto é, cumprindo-se a lei ou não se cumprindo conforme a pessoa que na ocasião exerce a respectiva autoridade, como, afinal de contas, acontece com relação a muitas outras leis.

E, já agora, um louvor que nos está saltando do bico da pena e que não veio á luz oportunamente, por ausencia de quem a empunha: é o que se deve ás auto-idades concelhias que tem praias nas suas areas, as quaes se apressaram a reprimir efétivamente o jogo... logo que terminou a estação balnear. Merecem premio.



ACACIO DE PAIVA.

(Ilustrações de Hipólito Colomb).

Os nossos soldados em França



1. Sr. Eduardo de Menezes, capitão do C. A.—2. Sr. Antonio Luiz Rodrigues, alferes da administração militar.—3. Sr. Florival de Sousa Fogaça, alferes da companhia de projetores de campanha—4. Sr. Luciano José Cordelero, capitão de artilharia.—5. Sr. Gil Augusto da Silva, alferes de infantaria.—6. Sr. Manuel Cabrita, alferes de infantaria.—7. Sr. Gastão Maria da Fonseca, alferes de artilharia.

CONTINUA no nosso sector em França uma calma relativa. Ao passo que ingleses e francezes aproveitam todos os ensejos para penetrar nas linhas inimigas, nós, por ora, estamos limitados á defeza que as circunstancias nos impõem. Mas não é uma defeza inativa. Respondemos condignamente ao fogo dos alemães quasi incessante e temos repellido todas as suas tentativas, mais ou menos violentas para pôr pé nas nossas trincheiras.

Temos lutado defendendonos, e lutado com exito, revelando o soldado portuguez



8. Sr. Pedro Gomes da Silva, alferes do S. P. C.—9. Sr. Malaquias A. S. Guedes, tenente d'infantaria.—10. Sr. Besson Bastos, alferes do C. A. P.—11. Sr. Silverio O. Saralva, alferes d'infantaria.

Tambem havemos de atacar e não daremos no ataque provas menos brilhantes do que na defeza. O treino das nossas tropas tem levado tempo, como não podia deixar de levar, atenta a preparação que aqui tiveram de ser submetidas tão pouco tempo antes da sua partida e á que, como complemento indispensavel, se lhes tinha de fazer lá fóra em contacto com as já experimentadas nos processos da guerra moderna.

Desde que todos os 60:000 homens que lá temos, bem armados e equipados, possuam uma instrução igual e solida,



12. Officiaes em serviço na frente portugueza. Da esquerda para a direita: srs. Augusto de Faria Lagôa, alferes de infantaria; Francisco Lagôa, tenente-cirurgião-dentista, e Joaquim Pinto Ribeiro, alferes de infantaria.—13. Grupo de capelães que se encontram em França. Da esquerda para a direita: os srs. Jacinto d'Almeida Mota, Avelino de Figueiredo e Antonio d'Almeida Coelho.

todas as belas qualidades de que é dotado e que talvez ficassem por muito tempo sem serem apreciadas, se as contingencias do conflito actual não nos põem ao lado da Inglaterra e da França.



14. Sr. Alexandre José Malheiro, tenente-coronel de infantaria.—15. Sr. Antonio Cruches Dias, alferes de infantaria.—16. Sr. Alfredo da Cruz Curado, alferes de infantaria.—17. Sr. Agnelo Maldonado, alferes de infantaria.

entrarão de certo n'uma ofensiva em que hão de afirmar as tradições guerreiras da sua raça. Todos eles estão anciosos por serem submetidos a essa grande prova. Das cartas que escrevem para



1. Paulo Raimundo, 2.º sargento de artilharia.—2. Jaime Henriques Lopes, 2.º sargento de artilharia.—3. Antonio Paz Colaço, 2.º sargento d'artilharia.—4. Eduardo Pinto de Almeida, sub-chefe de musica.—5. José da Costa Dias, 2.º sargento de metralhadoras.—6. José da

pos. Nos outros planos: Albino Carlos Lazaro, Antonio Batista Freire Neno, Belmiro Cunha, Antonio Remedios Abelhas e José dos Santos Joia.—13. 1.ºs sargentos-mquinistas do batalhão de saadores de caminho de ferro. Da esquerda para a direita, sentados:



Conceição Silva Freitas, sargento ajudante de infantaria.—7. Manuel Luiz Guedes, 2.º sargento de infantaria.—8. Francisco Rodrigues Ré, 2.º sargento de infantaria.—9. Alvaro da Silva Torres, 1.º sargento de infantaria.—10. Joaquim de Almeida, 2.º sargento de infantaria.—11. Joaquim da Silva d'Avo, 1.º sargento de infantaria.—12. Sargentos telegrafistas de campanha. Da esquerda para a direita, no primeiro plano: Antonio Cabrita, José Pin'o Ribeiro, Bernardo Cabral Monteiro e Antonio Raul Sousa Nunes. No segundo plano: Antonio Botelho de Carvalho, José das

Celestino Batista e Pedro Lutz Furriel. De pé: Carlos Januarior, Antonio Ramos d'Abreu e Joaquim Teixeira.—14. Grupo de sargentos de uma companhia de infantaria.—15. Alfredo Gomes Froes, Alvaro Gregorio dos Santos, Joaquim Ribeiro e José Peças, 2.ºs sargentos afilhados da Cruzada das Mulheres Portuguezas.—16. Candido R. Guerra, 2.º sargento-ferrador. 17. Antonio Candido Teixeira Junior, 2.º sargento de infantaria.—18. Joaquim Ferreira Ribeiro, 2.º sargento mecanico d'aviação. 19. Daniel Ribeiro, 2.º sargento de infantaria.



as familias, para os amigos e de algumas que a *Ilustração Portuguesa* tem recebido, resalta bem o ardor de combater

que os anima, pelo grande desejo de se liquidar este colossal litigio em favor da nobre causa da humanidade e da civilização.



1. Grupo de sargentos de infantaria: Da esquerda para a direita: Aristides da Silva, José F. da Guerra Semedo e José Barata Freire de Lima.



do Nascimento Barradas, José Correia, José de Matos e Artur Martins.

2. Musicos d'um regimento de infantaria. Da esquerda para a direita: Antonio Fernandes, Augusto da Costa e Carlos Leandro da Silva.



3. João Basilio d'A aujo e 4. Guilherme Marques, sargentos de artilharia.

6. Segundos sargentos de um regimento de infantaria. Da esquerda para a direita, sentados: Manuel Ferreira Guimarães, um sargento inglez-interprete e Antonio Figueiredo. De pé: Francisco Nascimento, João Ribeiro Mar-



5. Sargentos de uma coluna de transporte de feridos. Da esquerda para a direita, sentados: Lourenço Chaves d'Almeida, Julio Antonio Chora e João Antonio Manso Pavão. De pé: José



ques, Antonio Alvaro Nunes e Antonio da Graça. 7. Sargentos d'um batalhão de sapadores de caminho de ferro. Do esquerda para a direita:

Francisco da Costa Mechas, Ilde-



fonso Ramos da Silva, Manuel de Souza e Salgadinho.—8. Jacinto Augusto da Silva, segundo sargento de infantaria.—9. Luiz Nunes de Bri-

drigues, segundo sargento de infantaria.—11. Eduardo A. de F. Lagos, 2.º sargento de artilharia.—

12. e 13. Carlos A. Fernandes e José J. d'Almeida, segun los sargentos de artilharia.

10, primeiro sargento de infantaria.—10. Manuel Joaquim Ro-

Não as reproduzimos, porque o espaço não nol-o permite, nem o lugar é proprio; mas arquivamol-as todas com o cuidado e o interesse que



elas merecem como preciosos documentos nos quaes vibra com todo o vigor da sua fé imquebrantavel a alma portu- gueza.



1. Eleuterio Tavares, soldado do G. A. M.—2. José Mesquita, 1.º cabo da companhia de pioneiros.—3. Francisco Correia, corneteiro de infantaria.—4. Adriano Gomes da Silva, soldado de infantaria.—5. Alfredo José da Cunha, soldado de

infantaria—6. Ismael Teixeira de Sá, soldado telegrafista.—7. Delfim Neves, soldado de infantaria.—8. Jacinto Rocha, soldado de infantaria.—9. Antonio dos Santos, soldado de infantaria.—10. Francisco Pinto, soldado de infantaria.



Grupos de soldados de infantaria: 18. Sentado, Albino dos Santos. De pé, da esquerda para a direita: Francisco Assis e Maximino Mendes.—19. Sentado, José da Rocha. De pé: Jeronimo Tavora e Antonio de Pinho Valente.



11. Antonio da Rosa, soldado do C. A.—12. Alberto Ferreira Ribeiro, primeiro cabo motociclista.—13. Manuel Baltazar, soldado de infantaria.—14. Antonio Natividade da Silva, soldado de infantaria.—15. Francisco Figueira, soldado de sapadores.—16. Francisco, primeiro cabo de infantaria.—17. João André, soldado de infantaria.—20. Grupo de soldados que combatem em Fiação. Sentados: Joaquim F. da

Rocha, Celestino Esteves e Augusto do Silva. De pé: José Nunes Pereira, Alberto Correia dos Santos e Antonio Regalado.—21. Outro grupo de soldados. Sentados: Antonio Moraes, Damião Simões e Evaristo Loureiro. De pé: Antonio Gouveia, J. Figueira e A. Antunes. 22. Manuel Paulo, soldado de infantaria.—23. Alexandre Duarte, soldado de engenharia.—24. José Romano, soldado de infantaria.



25. Antero Lopes, soldado do B. S. M.—26. João Martinho, soldado de infantaria.—27. João Luiz Correia, segundo cabo da T. P. E.—28. José dos Reis Oliveira, primeiro cabo telegrafista.—29. Eduardo Rodrigues, primeiro cabo de infantaria.—30. Manuel Duarte Costa, soldado de infantaria.

O funeral do general sr. Pereira d'Eça



O general sr. Antonio Julio da Costa Pereira d'Eça.

Realisou-se no dia 7 o funeral do sr. Antonio Julio da Costa Pereira d'Eça, general comandante da 1.^a divisão militar. A' cerimonia fúnebre, que revestiu grande luzimento e foi uma sentida e respeitosa homenagem prestada ao ilustre oficial, assistiram: o representante do sr. presidente da Republica, quasi todos os membros do ministerio, corpo diplomatico, grande numero de officiaes do exercito e



soldado que exercia o comando da 1.^a divisão com a maior proficiencia e era um oficial de raro saber militar e energico, sem que sob o seu aspéto rude se deixasse de encontrar um coração bondoso e uma alma cristalina. Foi uma figura de grande relevo e que gosava do maior prestigio no exercito que honrou como poucos, consagrando-lhe todo o esforço da sua intelligencia e o vigor da sua atividade. Fez quasi toda a sua carreira em Africa, tomando parte em grande numero de combates, onde deu inexcitáveis provas de valor, de coragem e de sangue frio.

Sobraçava a pasta da guerra quando rebentou o conflito europeu, tendo sido o precursor da obra que está realizando o sr. Norton de Matos, atual chefe do exercito portuguez.

Era tio do distinto escritor e nosso ilustre colaborador, sr. dr. Julio Dantas, a quem a *Ilustração Portugueza*, apresenta os seus sentimentos pezames.



da marinha e altos funcionarios da Republica.

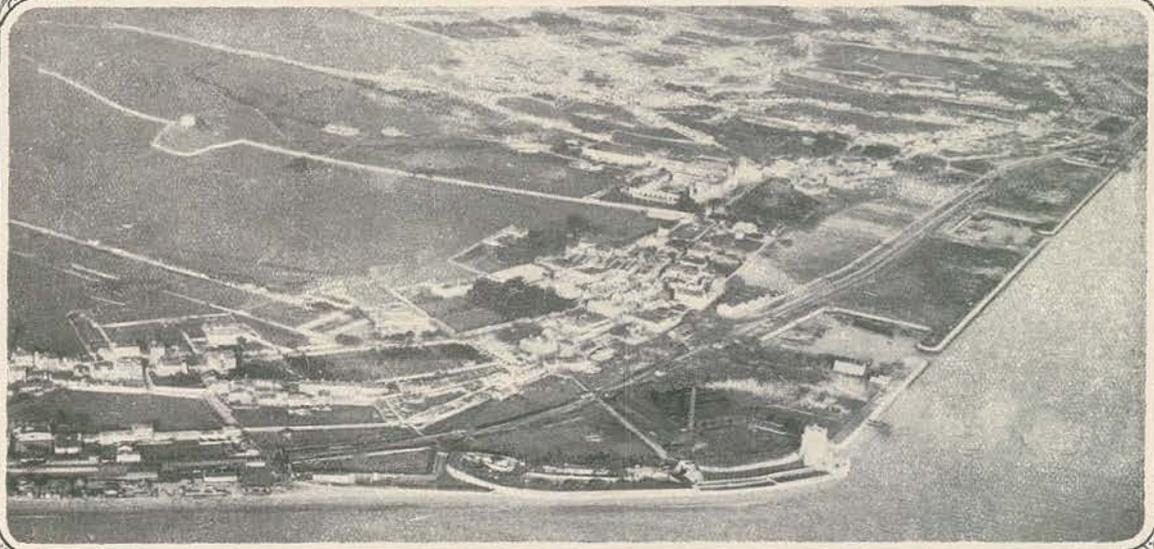
A urna com os restos mortaes do distinto militar, prototipo da lealdade e da disciplina, foi transportada n'um armão d'artilharia.

No cemiterio pronunciaram-se varios discursos, nos quaes foi apreciada a obra do valoroso



2. A' saída do quartel general.—O primeiro turno, constituído pelos srs.: Barreto da Cruz, representando o sr. presidente da Republica; drs Afonso Costa, presidente do ministerio; Augusto Soares, ministro dos estrangeiros; Almeida Ribeiro, ministro do interior; Barbosa de Magalhães, ministro da instrução, e Augusto de Vasconcelos, ministro de Portugal em Madrid, e srs. Arantes Pedroso, ministro da marinha, e Mimoso Guerra, sub secretario da guerra.—3. Acompanhando o feretro, vendo-se entre a assistência alguns membros do ministerio e do corpo diplomatico e varios funcionarios civis e militares.—4. No pateo do quartel general. Organizando-se o cortejo fúnebre.

Lisboa vista de aeroplano

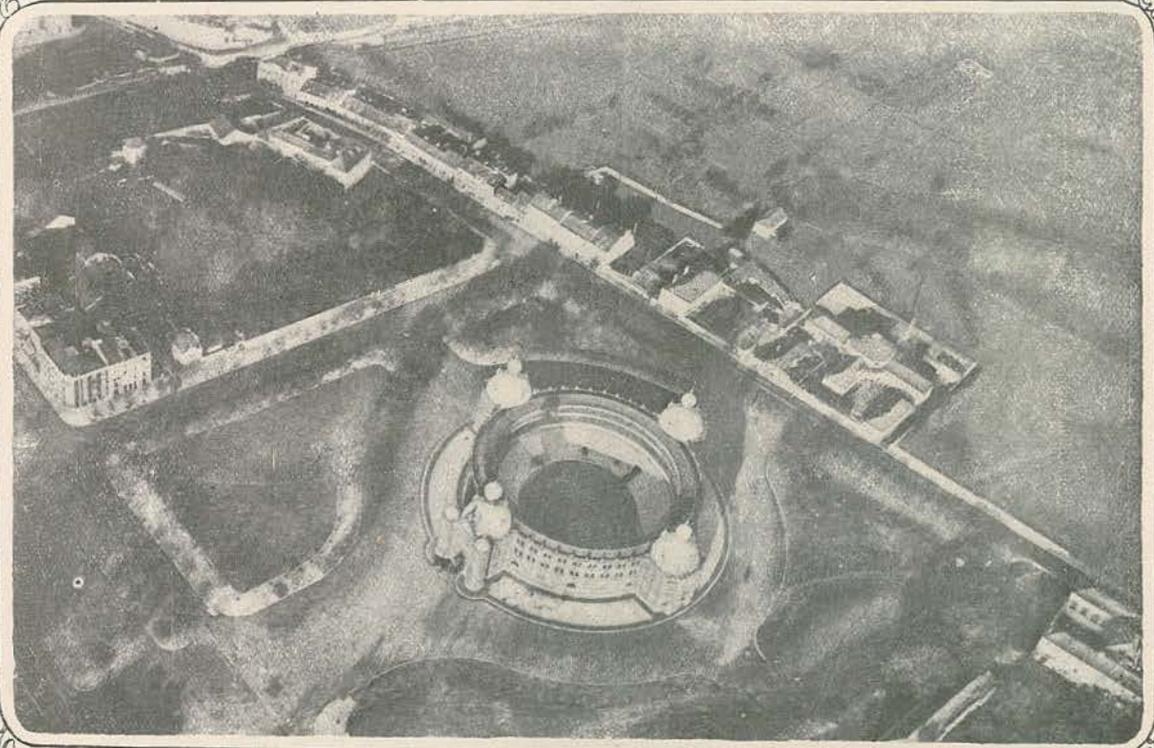


Vista de Belem tirada d'um aeroplano a 450 metros

Reproduzimos hoje mais alguns aspéto fotograficos curiosissimos de Lisboa, tirados de um aeroplano, voando sobre a cidade, ora sereno ora em viraçens dificeis que tanto honram a pericia do piloto, como pñ em relevo o excelente trabalho do fotografo, o tenente-medico, sr. dr. Almeida Ribeiro Saraiva.

São os primeiros trabalhos feitos n'este difficil genero por um portuguez, e entre nós, não receando

nenhum d'elles confronto com os que temos visto de melhor, vindo do estrangeiro. A par do seu talento e do seu saber, ha a notar a circumstancia de que o illustre clinico faz todas as despesas, que não são pequenas, á sua custa. Compare-se este nobre proceder de um amator com o de outros profissionaes, largamente estipendiados pelo estado, e de que nunca se viu um só trabalho apreciavel.



Vista da praça de touros do Campo Pequeno tirada a 200 metros
(«Clichés» do distinto amator e illustre tenente-medico sr. dr. Almeida Ribeiro Saraiva).



A SEITA TENEBROSA

Para a semana no **SECULO DA NOITE** e no **CINEMA**
GRANDE ROMANCE CINEMATOGRAFICO

A pacificação da provincia d'Angola



1. O soba de Gongga Caluete, na Jinga (1), acompanhado do seu macota (2) e dos gulas da coluna de penetração (3 e 4).—2. Dois ambaquistas comerciantes em Camabatela.

Nem só as heroicas tropas que valentemente se batem nos campos de batalha da Europa e da Africa Oriental merecem a nossa atenção. Também são dignos de que lhes dispensemos todo o interesse os soldados que se encontram em Angola, ao ser-

viço das colunas de penetração e cujos atos de coragem e bravura, bem patentes, tem causado geral admiração entre nós e merecido os devidos encomios dos nossos aliados. Para o bom exito da sua tarefa tem contribuido o esforço das



Em Goba Fronteira.—O pessoal em serviço na construção do acampamento



A força do comando do tenente sr. Santos que fez a primeira travessia do Alto Congo a Camabatela
(«Clichê» do distinto amator sr. Telxeira).

tropas indígenas que teem dado provas d'uma a precia vel serenidade e sangue frio.

Cabe agora a vez da *Ilustração Portuguesa* render homenagem aos intrepidos militares que tão denodadamente estão pacificando as rebeldes regiões d'aquella nossa importante possessão ultramarina, e



Clinicos e pessoal de enfermagem em serviço no estacionamento de Goba-Fronteira. Sentados, da esquerda para direita, os srs. drs. Geraldas Barbas, alferes; José Augusto Fernandes, capitão e Pereira de Sousa, alferes. No segundo plano, de pé, os enfermeiros.

que, d'uma forma brilhante, completam as mais recentes paginas gloriosas da nossa Historia, tão magestosamente começadas pelos valentes soldados que, tanto em Franco, como em Moçambique, estão desafiando a dignidade do nosso paiz, aviltada pelos inimigos da Humanidade e da Civilisação.



O matadouro das forças acampadas em Goba-Fronteira
(«Clichês» do distinto amator sr. Peres Favo).

A GUERRA

O último «raid» alemão.—O raid efetuado, sobre a Inglaterra, na noite de 19 para 20 de Outubro findo por uma flotilha de 15 *Zeppelins*, teve um epílogo movimentado e inesperado. Depois de alijar na Grã-Bretanha quasi todas as bombas que transportava, a armada aérea foi envolvida por um forte vento nordeste que, a par d'uma intensa bruma, lhe dificultou o regresso á sua base.

Dois aparelhos conseguiram retomar o caminho habitual e voltar á Alemanha pelo mar do Norte; os onze restantes foram impelidos para sudoeste para o interior das linhas francezas.

Seis ou sete puderam alcançar as trincheiras alemãs em pontos e condições ignorados, mas o resto, quatro ou cinco, encontraram um fim mais ou menos dramático.

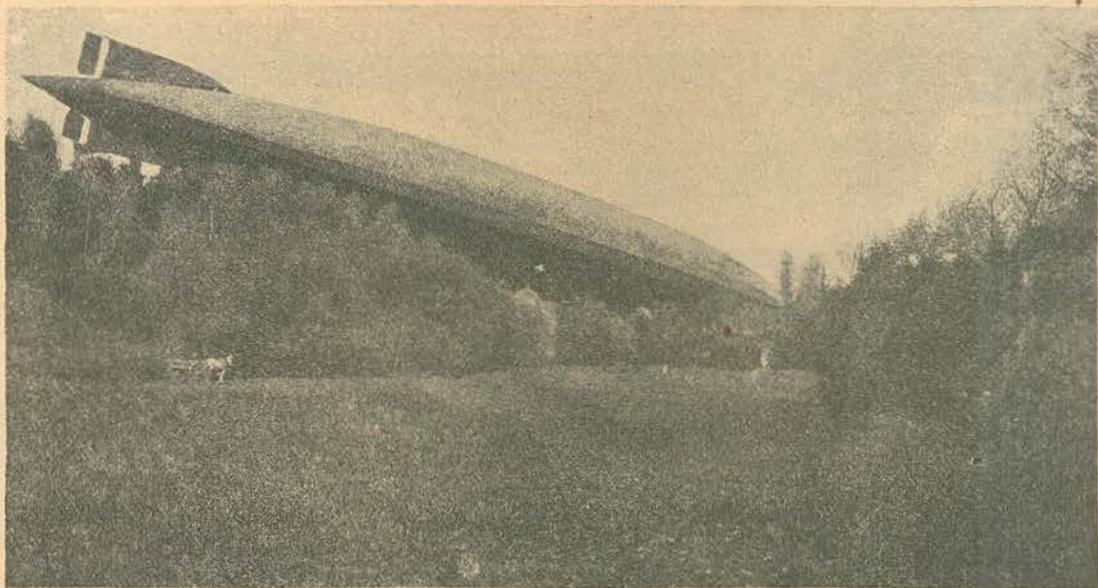
Foram eles: o *L-44* abatido em Saint Clément (Meurthe-et-Moselle) e cuja tripulação sucumbiu. O *L-45*,



que aterrou nas margens do Buech, entre Laragne e Mison, tendo a sua equipagem destruído o aparelho por completo antes de ter sido feita prisioneira. O *L-49*, que também foi forçado a aterrar em Serqueux, não tendo o seu comandante conseguido incendiar o *Zeppelin*, porque havendo-o avistado o operário Boiteux, que andava á caça, disparou sobre ele a sua espingarda, acudindo varias pessoas que, com o bravo caçador, evitaram a destruição do aparelho.

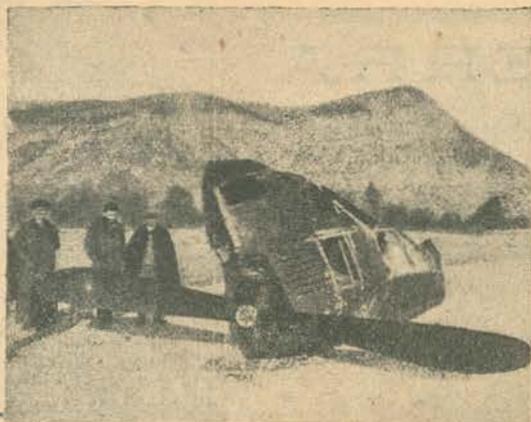
Uma outra aeronave foi apercebida pelo centro de aiação de Fréjus, cuja secção de combate o perseguiu, tendo-se perdido no Mediterraneo a 40 kilometros da costa.

Um quinto dirigível, o *L-50*, aterrou n'uma arvore, perto de Montigny-le-Roi, o qual, depois de ter abandonado parte da tripulação—14. homens e 2 officiaes — bruscamente se elevou e desapareceu.

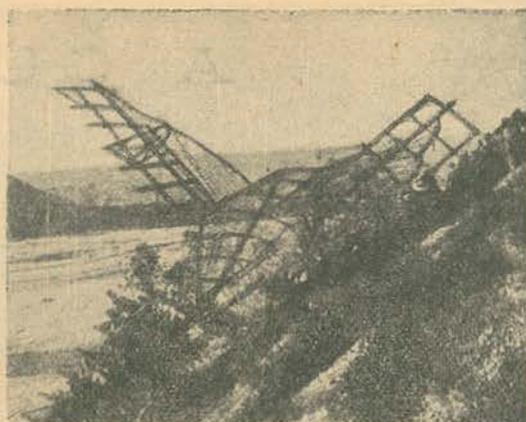


1. O caçador Jules Boiteux, de Serqueux, que impediu a equipagem do *L-49* de incendiar o *Zeppelin*

2. O *Zeppelin L-49* que, perseguido por uma esquadilha de aviões, foi forçado a aterrar sobre um massiço d'arvores que dão sombra a uma das margens do Apance, em Serqueux, perto de Bourbonne les-Bains (Haute-Marne).



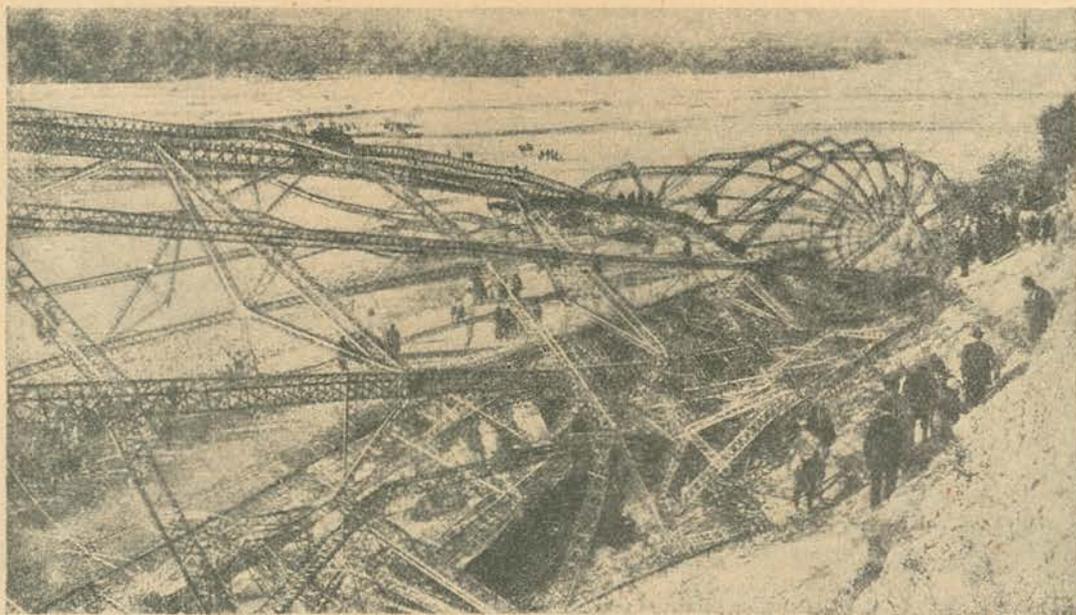
O motor e a helice d'um dos Zeppelins abatidos



A armadura da pôpa e as asas do L-45



O Zeppelin L-44 abatido em Saint-Clément (Meurthe-et-Moselle) por uma das secções francezas de defeza contra aeroplanos. Os resto d'uma das barquinhas, com a sua helice.



O arcaboloço do Zeppelin L-45 descido nas margens do Buechi, entre Laragne e Mison

OS CEGOS DA GUERRA

E O HOSPITAL DE S. DOUSTANS

A guerra, estropeando milhares de homens, mutilando outros milhares, avançando a tuberculização de muitas dezenas de milhares, fazendo surdos e fazendo doidos, produz um horror maior que é o de cegar aqueles que tinham vista. Este panorama de dór

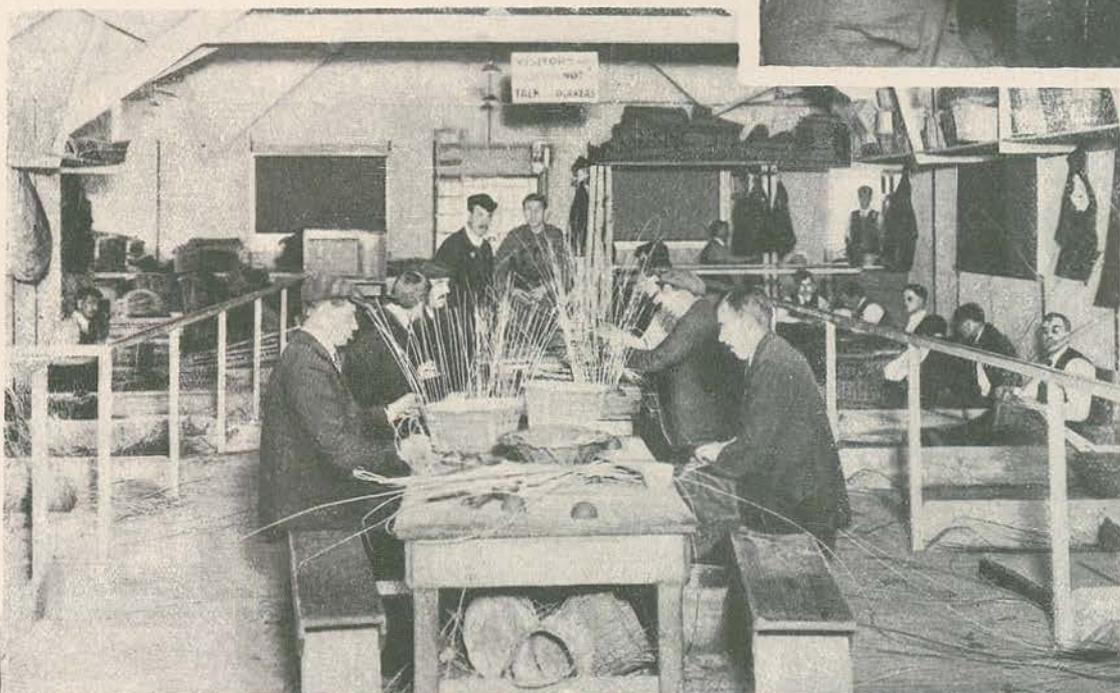
e de miseria, deve-se á desvairada ambição dos alemães. Sobre eles recae toda a responsabilidade do crime. E por causa d'eles, a humanidade, n'um nobre impulso de amor e de filantropia, creou as suas obras de assistencia e de reeducação funcional e profissional. A França trabalha atualmente a reeducação de 2.800 soldados cegos da guerra, a Italia mais de 600, a Belgica perto de 200. A Inglaterra, porém, quiz maravilhar os outros povos n'essa cruzada de carinho e de bondade. O seu amor pelos cegos excede o ideal de assistencia. A propaganda do ilustrado editor Pearson comoveu o coração britânico, como, na França, a palavra fluente e a prosa artistica de Brioux, agitaram a alma franceza.

O famoso hospital de S. Doustans é obra da Inglaterra e do

seu governo; mas a sua instalação modelar, a sua organização impecavel e a sua maravilhosa distribuição de serviços, vivem muito da influencia de Pearson,



Um grupo de cegos e de enfermeiras do hospital de S. Doustans, em Londres.



2. Ensinando aos cegos a marcha d'um quadro de telefones.

3. Os cegos na oficina de cestos de verga.



Os cegos formando «équipes» de «tandem» com instrutores do hospital.



Uma corrida pedestre entre tres cegos

que, cego também, mas possuidor d'uma fortuna excéccional, deixou os confortos d'um tratamento domiciliario para viver entre os cegos do seu hospital.

S. Doustans foi visitado ultimamente pelos representantes do «Comité» Permanente Inter-Alíados encarregado da reeducação dos soldados e marinheiros feridos da guerra. Essa



A orquestra de cegos do hospital de S. Doustans, na Inglaterra.

porque reaprende a executar os atos mais necessários á sua existencia. Mais ainda. Em S. Doustans, mercê d'um pessoal tecnicamente especializado, o cego da guerra consegue recursos para manter, desafogadamente, a vida. Os cegos, menos inteligentes, fazem-se trabalhadores em con-

fecção de-redes e ganham mais de 6 «schillings».



Os cegos dançando n'um terreiro do hospital de S. Doustans.

visita representou uma consagração pelo esforço inglez. Em S. Doustans o cego readquiriu a vida,

Os mais inteligentes transformam-se em dactilografos e stenografos em casas comerciaes, que



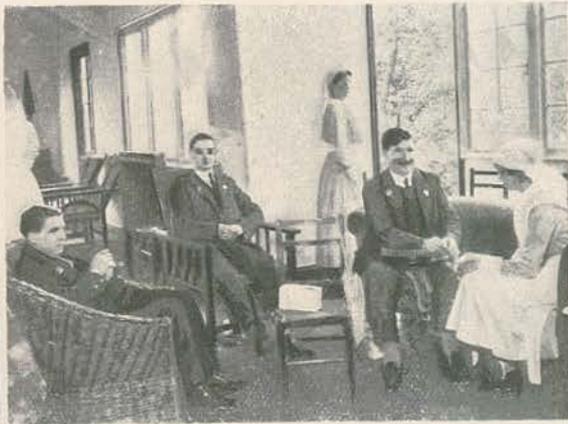
Os cegos trabalhando em concertos de botas.

Frequentam aulas e estão nas oficinas apenas tres horas durante a manhã e duas durante a tarde. E' preciso que o seu moral não sofra. Assim se explica que S. Doustans tenha salões de festa, salões de musica, salas de estar; parques para passeio; um rio onde se praticam «sports» de pesca, de natação e de remo; pistas para corridas pedestres, etc., tudo enfim que possa constituir um lenitivo e uma distração.

S. Doustans é uma maravilha e na verdade, tão completa na sua arquitetura funcional, que Charles Krug, o inteligente secretario do «Comité» Inter-Aliados, que representava a França na visita e que, na França, empenha a sua boa alma na reeducação dos cegos, disse:



A «équipe» de remo, formada pelos cegos de guerra do hospital de S. Doustans, e que ganhou um premio de regata.



Reeducando a sensibilidade tattil dos cegos da guerra.

lhes pagam a média de duas libras por semana. Os mais atilados e com mais aprimorada educação manual aparecem maçagistas, sabendo anatomia, fisiologia e patologia e ganhando ao cabo d'um ano, cerca de tres libras por semana! Uns fazem-se cultivadores de aves, que diferenciam apalpando as penas, os ticos e a conformação dos pés. Outros são habéis sapateiros, marceneiros, até mecanicos! Os de maiores aptidões frequentam escolas de ensino superior. A reeducação d'esses heroes da guerra, chega a fazel-os tele'onistas, conhecendo pelo som da pancada d'alavancas, o manejo dos quadros mais complicados e dificeis!

Todo este trabalho, moralizador e generoso, é feito com um carinho excéccional e com preocupações de não cançar os doentes.

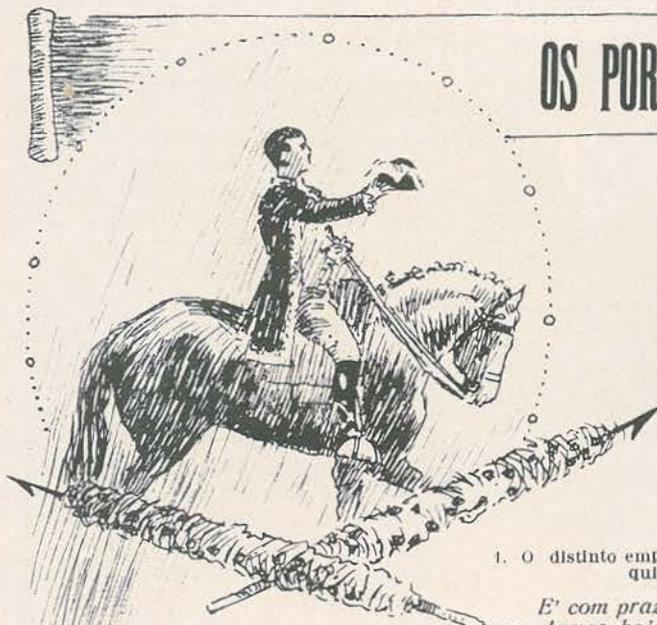


Os cegos executando trabalhos de molduras em madeira.

— Este hospital é modelar. Honra a Inglaterra.

J. P.

OS PORTUGUEZES E OS TOUROS



1. O distinto empresario sr. José Segurado — 2. O distinto crítico tauromaquico sr. Antonio Rodovalho Duro (*Zé-Jaleco*).

E' com prazer nosso, e certamente tambem dos nossos leitores, que damos hoje esta pagina a «Zé-Jaleco», o apreciado crítico tauromaquico do Seculo, entendedor implacavel da arte, que nos mimoseia com umas notas interessantissimas, pelas quais se infere bem como somos perdidos por touros, quer nol-os dêem á portugalha, quer á hespanhola. «Zé-Jaleco» não escreve só de longe sobre touros, mas tambem já os lidou de perto como amator distinto, e, o que mais é, já em tempo organisou, com alta competencia, em favor dos feridos da guerra, uma das melhores corridas, em cuja cronica ele omitiu, por simples modestia, o seu nome verdadeiro que é o do nosso querido amigo Antonio Rodovalho Duro.

Ha muito tempo que os leitores do "Seculo" vêem as minhas noticias de touradas, e, desde 1892 até á presente data, isto é, ha 26 anos que o referido jornal publica anualmente as minhas resenhas, das corridas realizadas em todo o paiz.

Na praça do Campo Pequeno, durante aquele periodo de tempo, deram-se 568 corridas, notando que em 1903 houve 56, sendo a maior quantidade n'essa epoca, e em 1910, 19 diurnas e 10 noturnas, ano em que se atingiu maior numero de funções tauromaquicas á noite.

N'esses 26 anos, efectuaram-se nada menos de 170 corridas em todo o paiz, em média, e n'uma só temporada, de modo que tivemos nos citados anos 4:420 touradas e picaram-se 44:200 rezes bravas em diversos tau odromos, sendo cer-

to que bastantes d'esses animaes entraram em cêna varias vezes.

Na epoca que findou em 10 de outubro ultimo, realizaram-se no Campo Pequeno 20 touradas, sendo 11 por conta da empresa e 9 em beneficios, correndo-se 199 touros, que foram lidados por 15 espadas 16 bandarilheiros e 10 picadores hespanhoes e quasi todos os cavaleiros e bandarilheiros portugalhes.

Calculo que em toda a Republica não se teem dado menos de 180 corridas por ano, e lidado 4:680 touros.

As touradas no Campo Pequeno poderão obter, em rendimento bruto, cada uma, 3.500\$00, porque os preços dos bilhetes variam muito, assim temos n'um ano de boa administração, como foi o corrente, um total de 70:000\$00 em 20 touradas, saindo para Hespanha uma quantia importante para pagamento aos espadas e ás suas quadrilhas.

E' provavel tambem que a essas corridas não assistissem menos de 160:000 pessoas.

O empresario José Segurado, terminou pois com excelente resultado o segundo ano de exploração do Campo Pequeno, cumprindo e variando os seus programas, succedendo-se por isso as enchentes. O mesmo empresario explora tambem na praça d'Algés o toureio comico, que tem muitos amadores,

Precisava d'um atrativo de sensação, e uma vez, até foi a terras

de Marrocos comprar um camelo, que chamou grande concorrência áquella arena, e para conseguir o seu fim, passou tormentos na viagem, e taes peripecias lhe aconteceram, que não sabe ainda hoje como ele e o dromedario chegaram vivos a Lisboa.

ZÉ-JALECO



Companhia do "Politeama"

Com a encantadora comedia *A deus Mocidade*, de Sandro Ca-



cia, e desempenhada superiormente, fez uma carreira larguissima,

1. Sr.ª D. Aura Abranches. — 2. Sr. Chaby Pinheiro.



Sr. Pinto Grijó

masio e Nilo Oxilio, adaptada á scena portugueza pelo illustre ator Chaby Pinheiro, se estreiou no Politeama para a inauguração

que entre nós pôde até considerar-se sem precedente. *A deus Mocidade* viveu de si, das suas qualidades litterarias, da sua graça, da



Sr.ª D. Jesulna Saraiva.

da presente época a companhia, que sob os nomes da distinta atriz Aura Abranches e a quele

universalidade dos seus sentimentos e da forma como a corporisaram Chaby, Aura, Ribeiro



Sr.ª D. Josefina Soares e D. Beatriz d'Almeida.



5. Sr. Otelo de Carvalho. — 6. Sr. Jaime Zenoglio.

artista, ali funciona. E não podia ter sido mais feliz a estreia, pois que a peça, d'uma leveza de fatura que a não impede de poder considerar-se uma obra modelar, transposta de local com grande probidade e não menor intelligen-

Lopes, Beatriz d'Almeida, Santos Melo, Saul d'Almeida, figuras distintas da companhia, que com as que ha pouco fizeram a sua apresentação no *Marido em branco* se completa com uma homogeneidade digna de constatação.



9. Sr. Santos Melo. — 10. Sr. Saul d'Almeida.

Õ Pêgo do Sino

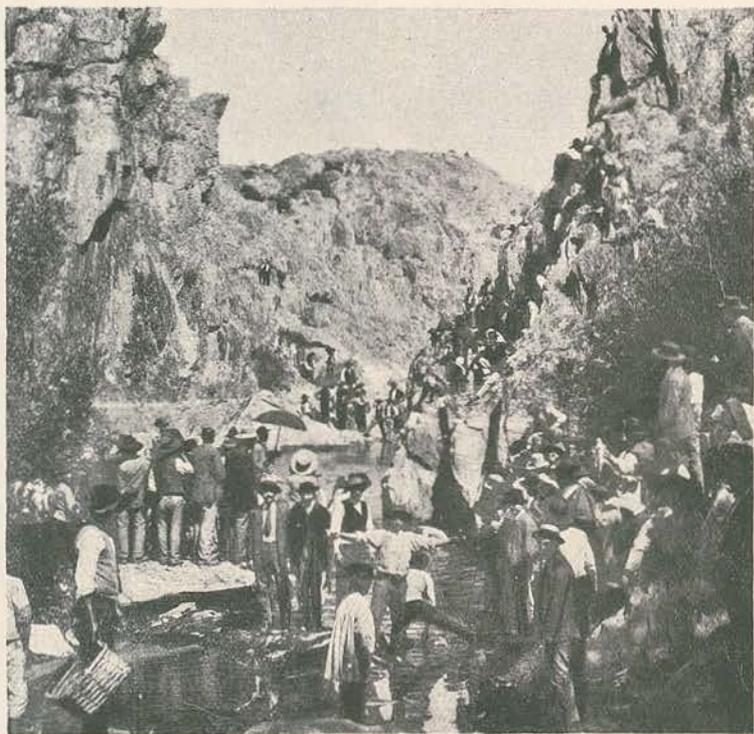


A grande multidão que assistiu á pêsa no Pêgo do Sino.

O lendario Pêgo do Sino cava-se na Ribeira de Ter a um tiro de peça da historica Evoramonte.

Sustam-lhe as aguas, d'um lado e outro, duas montanhas de pedra já um tanto enegrecidas pela idade. Dir-se-ha que, a principio, logo que emergem da terra, abruptas, na sua esplendorosa magnificencia, querem dar as mãos como velhas amigas; depois, á maneira que caminham, ora se afastam n'uma viva repulsão, ora se aproximam com as suas saliencias e cavernas até se deluïrem cansadas.

No Pêgo do Sino realisa-se uma tradicional pescaria, a que assiste sempre muito povo d'aquella região, na qual corre a lenda de que na noite de S. João, á meia noite, se ouve do fundo do pêgo um som lugubre, plangente de tres badaladas tangidas pelo bronze d'um sino quimerico que-fez tradição.



Um aspêto da pesca no Pêgo do Sino.

FIGURAS E FACTOS



Em Macau. — Grupo de crianças japonezas.



Em Macau. — O menino Basílio Velga, filho do distinto delegado em Macau, sr. dr. Alfredo Lencastre da Velga, com o seu «kimono».



1. Sr. dr. Nuno Simões, autor da *Gente R sonha*, espirituosa conferencia sobre a caricatura e o nosso tempo. — 2. Sr. Humberto Beça, autor do belo livro de versos *Excerptos da Juventude*. — 3. Sr.ª D. Leonete d'Oliveira Lima Rocha, de Fortaleza (Ceará), autora dos *ambiantes*, coleção de formosas poesias. — 4. Sr. Alfredo Leal, autor do interessante livro os *Palmeis do Infante*, em que se debate uma velha questão d'art. — 5. Sr. Henrique Capeo, que foi para Paris estudar a direcção d'orquestra. Era ex-aluno da Academia de Amadores de Musica, onde obteve a primeira classificação.



Em Santarem. — Exposição de frutas, plantas e flores, na importante casa Alfredo Moreira da Silva & Filhos, do Porto, possuidora dos maiores viveiros da península, nas salas da Biblioteca Municipal de Santarem, por ocasião da feira anual da Piedade, revertendo 10 por cento da venda a favor das cantinas escolares de Santarem.

LISBOA COMERCIAL

Neto, Natividade & C.^a, L.^{da}



Um aspéto exterior do estabelecimento

Abriu ha pouco, na esquina do Rocio para a rua da Betesga, (Praça de D. Pedro, 122) uma nova casa que está obtendo um successo sem precedente. Ostentando uma elegante e bela decoração, explora a drogaria farmaceutica, as grandes especialidades e a perfumaria. Pertence aos srs. Neto, Nati-

vidade & C.^a, L.^{da}, tendo como gerente o socio sr. Manuel Luiz Sequeira, farmaceutico muito distinto e sabedor com longa pratica d'uma casa de primeira ordem. Pelos aspétoes que publicamos junto pôdem vêr os nossos leitores a sumptuosidade da sua instalação. E' um estabelecimento a cuja organização presidiu um espirito altamente esclarecido e um profundo conhecimento das necessidades do nosso meio. Não é, pois, de mais dizermos que ele faz honra á cidade de Lisboa.



Um dos aspétoes interiores do estabelecimento





SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SEculo

Propriedade de J. DA SILVA GRACA, Limit.º

Director: ACACIO DE PAIVA

Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — RUA DO SEculo, 43 — LISBOA

Fraternidade



**P'ró Camacho se arranhar
E p'ra que perca a vaidade,
Até eu venho votar
Com a lista da cidade.**

PALESTRA AMENA

Fóra do seu logar

N'outro sitio, e sob a responsabilidade do nosso mais apreciavel colaborador, vão algumas palavras a respeito d'uma peça ha pouco representada no teatro da Trindade e de que são autores—um cenografo e um aderecista.

Todos os jornaes se referiram ao facto, por dever de officio e alguns repetiram a já velhissima observação de que é raro quem não queira ser aquilo que não é, fazer o que não sabe ou não aprendeu, ou aquilo para que não tem vocação.

Verdade velha, sim, mas em que convem martelar, a vêr se entra de vez em cachimonia de portuguezes, que para tudo se julgam habéis—e para muita coisa o são, realmente.

Os resultados é que quasi sempre são desagradaveis e é assim que o nosso sapateiro nos entrega sempre as botas mal acabadas porque enquanto a fazia estava estudando um papel dramatico para certa recita de amadores, o nosso medico nos receitou quinine quando nos queixavamos d'uma unha encravada, porque estava com pressa visto ter de tomar parte n'uma partida de *foot-ball*, a nossa engomadeira nos falta com a roupa sempre que ha sessão no *Club Abaixo as Calças*, de que é presidente pelas suas qualidades oratorias, etc.

Mas o mais vulgar n'este mixto de profissões em cada individuo, pondo em geral de lado o que melhor lho competiria, é o facto d' se julgar literato. Enxameiam por todos os cantos os literatos, sem a menor preparação, sem conhecimentos senão da lingua patria, só porque exprimindo-se em portuguez os outros os compreendem, de onde deduzem que o sabem.

De mais, eles não supõem que a litteratura constitua uma profissão; se lhes fazem alguma observação respondem que escreveram a peça, o romance, o conto, por desfastio, não para ganhar a vida, como se assim atenuassem a culpa, como se esse delicto não prejudicasse ninguém—editores, emprezas, publico que paga e que fica ludibriado.

Veem estas palavras para condenar os autores da *Ordem do dia*? Não; eles tem na sua retaguarda milhares de exemplos a justificar-lhes o procedimento, legiões de pseudo-e critores que são excelentes amanuenses, artifices consumados na alfaiataria, caixeiros zelosos, etc. E a critica benevolmente aceita estes, notando apenas, com timidez, que as indecisões são desculpaveis em quem principia ou adoçando a prosa, em que se pode transparecer a justiça, com referencias a «talentos prometedores», «difficuldades do genero», e pilulas semelhantes.

N'esta coorte destacam-se alguns consciences: são os que, embora arrebatados pela necessidade de fazer o que não sabem, reconhecem que lhes falta a competencia gramatical e por isso, procuram um companheiro

iniciado nos misterios da prosodia e da sintaxe. E ouvem-se então as orações com o sujeito, o verbo e os attributos no seu logar, as palavras rigorosamente acentuadas, versos de medida impecavel, prosa sonorissima, mas tudo isso tristemente vazio, oco, desenvolvido, inestetico como um coxo que se encostasse a uma muleta de pau santo.

E com esta linda imagem terminamos as presentes considerações, que damos como não escritas com relação aos autores da *Ordem do dia*, porque são nossos particulares e estimadissimos amigos.

J. Neutral.

Venceram todos!

Ora aí estão umas eleições que deixaram toda a gente satisfeita: leiam-se os jornaes de qualquer côr politica, a respeito das ultimas eleições camarasarias: clamam victoria os democraticos, os evolucionistas, os unionistas, os socialistas e os monarchicos.

—Nós tivemos as maiorias, diz este.

—Nós a maioria das minorias, afirma outro.

—Os adversarios só tiveram as maiorias porqu: se combinaram contra nós, assegura aqu le.

—Nós vencemos em concelhos cada um dos quais vale por sete d'aqueles



em que venceram os nossos inimigos.

—O triunfo é nosso!

—Vitoria!

—Gloria ao nosso partido!

De onde se conclue que o paiz é monarchico e republicano ao mesmo tempo e que, como republicano, é simultaneamente democratico, evolucionista e unionista. E depois de tais provas os politicos hão-de ficar muito admirados se lhes dissermos que o paiz não é nada d'isso e que quer que os senhores vão para onde não façam dano.

A obra da Cama a Municipal

Aventa um colega nosso—e nas suas ideias abundamos—que se deve dar a qualquer arruamento de Lisboa o nome de Levy, p'rfetizando-se d'esse modo os altos servicos prestados á capital pelo sr. Levy Marques da Costa.

Aprovamos, dizemos, e já que estamos com a mão na massa declaramos que tambem não deve ser esquecido o nome do sr. Castanheira de Moura, que, posto que não tenha feito parte da edilidade lisboeta, não tem menos jús á gratidão dos alfacinhas.

O que ambos tem praticado está na

memoria de todos. Comtúdo, quanto á camara, memoremos que se lhe deve:

- 1.º—A captura de tres cães vadios.
- 2.º—A rega do Chiado n'um dia de gala.
- 3.º—Duas varreduras da rua do Ouro durante o ano corrente.
- 4.º—A demolição de um urinol ao fundo da calçada do Duque.



5.º—O concerto permanente da rua dos Bacalhoeiros.

6.º—A exposição diaria dos barris de lixo em todas as portas da cidade, até ao meio dia.

7.º—A chuva de flôres no outono, na praça de Camões, projetada pelos pardais.

Parece-nos o suficiente não só para batizar uma rua com o nome do sr. Levy, mas até para lhe levantar um monumento.

O boi-cavalo

Lisboa tem sempre alguma novidade a atrair as atenções: agora é o boi-cavalo, que a direção do Jardim Zoologico anuncia como uma das maiores maravilhas do mundo, no q'ue não exagera. O animal de que se trata não só tem o aspecto exterior dos dois de que se compõe, mas mesmo moralmente—por assim dizer—é boi e cavalo, como já tivemos occasião de presenciar, pois que faz a côrte não só ás eguas que visifam o Jardim mas tambem ás vacas. Rincha ou muge, conforme a especie de fêmea que se lhe aproxima.

Animais duplos ha muitos, bem sabemos: por exemplo o maestro Leão-cavalo, não falando em varios tipos que participam das raças humana e bo-



vina. Este, porém, é particularmente interessante porque se presta a uma lide tauromaquica, fazendo de cavalo e de boi ao mesmo tempo. O cavaleiro monta-o e farpeia-o, sem receio de que a montada seja colhida.

E aí fica, em esboço, uma bela ideia para o nosso Segurado explorar.

TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Zéjinha

Ai, filha! Ainda istou a rir cu raio da pessa do Iduardo Reis cen fo na Terindade, xamada *Orde do dia* i que ce arrepresentou na vespra de Sam Martinho! U Reis a fazer uma pessa já tem munta grassa; a pessa çubir á cena na noite de Sam Martinho tamem é vóa piada, mas u resto é qué da jente se iscan ça har a rir!

Imagina, Zefa:

U cumpadre, cumu é cabo de pulissa e é ruivo xamasee Cabo Ruivo! As capoxas que vão á fonte cando á falta de agua, xamamce Margaridas-vão-á-fonte!

As istrelas ção u conhaque de tres istrelas, us ovos istrelados i um cundutor dos inletricos da Istrela!

A um pulissa que vai conçultar u isppissalista de olhos aplicam-se antenas!

Da sr.^a Palmira Bastos disse que ganha setesentos mel réis posta in casa!

Para ce tirar um ponto á corte em cuncurço xamace um inussente i quem



apareçe é um preso pur dezer que istava inussente!

Infin, é um nunca a cabar de ditos i coisas de espirito que inté nan te conto mais praque te pode fazer mal ó estamago. Isto nan falando nu desimpanho que tamem é distoirar nem das pernas de sarta curista que pur pouco nan deitaram a casa abaxo cun tanta gragahada!

Nan me poço alungar mais purque ainda istou cun a dôr de barriga purdizada: foi uma limpesa cá pur dentro, minha Zefa. Isculpa ce nan sou mais istenço i arrasebe u curisção sódoso do teu ispouso para cempre i ubrigado

Jerolmo

Emprezario do Pauliteama
de Pêras-Ruivas

Bom titulo

Os escritores portuenses Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa concluíram com destino ao teatro Nacional, do Porto, uma revista com o titulo: «A mulher».

Ora aí está um titulo que indica imediatamente que a peça tem pés e cabeça!

EM FOCO

Rocha Junior



*Intitulou Veneno o Rocha amigo
O bom livro que tenho aqui presente,
Qual se fosse nocivo, dissolvente
Ou na prosa encerrasse algum perigo.*

*Pois, caro Rocha, o que se deu comigo
Foi acha-lo dulcissimo, inocente,
Saborea-lo, emfim, gulosamente
Como se fosse pão de loiro trigo.*

*Veneno para os parvos, não duvido,
Cauterio que empregou com mão segura
Guiada por talento desmedido;*

*Já pinçam com a dôr na madadura
Mas deixe-os lá pinchar, porque é sabido
Que aquilo que mais arde é que mais cura.*

BELMIRO.

Indiscreto

O nosso querido dr. Amilcar de Sousa usa de hipnotismo nas curas e com ele tem obtido excelentes resultados. Assim, conta que «uma menina de 16 anos, muito gentil e graciosa, sendo acometida de nervoso e fraqueza cerebral, foi por ele curada, na presença da mãe—por causa das moscas.

E conta o doutor:

«Fizemos deita-la n'uma ampla chaise-longue de crina, aplicámos o olhar central, tomámos-lhe as mãos e suggestionámos-la para que dormisse a sorrir—para se curar dos incomodos. As pupilas tornaram-se m'idiaticas, as palpebras franziram-se, os olhos foram-se cerrando e adormeceu sonhando com os labios tremulos...»

Por fim a menina acordou, disse que estava melhor e que ia ao liceu.

Muito bem. Visto que a mãe assistiu á applicação do olhar central, não ha que lançar maldade nos sonhos, com os labios tremulos. O que, porem, é de censurar é o estilo da descripção, que bem se poderia fazer com menos sensualidade.

Nada temos com a referida menina, mas afirmamos que se ela fosse da nossa familia o doutor passava um mau quarto de hora.

A proposito...

A proposito de atestados medicos—assunto que se tem discutido ultimamente—um anonimo envia-nos o que se vae lêr, dizendo-nos que foi passado em 1820 a um rapaz que pretendia livrar-se de miliciano.

Provavelmente é brincadeira, mas, como tem graça, ele aí vae:

«Elario G. F., Cirurgião Girurgico de Freumaceutico pello Porto Mendicato, e pello mesmo destinado á plicar a matea vaginal, essa invenção tão

util á Mortalidade, que neste piqueno recinto chamado pelos Astrologos Ilha terceira, foram vaginadas sette mulheres gravidas por mim em um só dia, e nen'uma morreu nem teve bexigas.

Attesto que o suplicante padesse huma inconsequencia, por isso não pode servir sua Rial Magestade.

Ilha terceira 20 de Maio de 1824,
—Elario G. T.»

AVISO

Aos autores dramaticos, actores, etc.

Pede-nos o nosso amigo e illustre collaborador Jerolmo, de Peras Ruivas, para participar aos interessados que tendo começado a epoca de inverno nos teatros, desde já recebe as crtas de empenho necessarias para atenuar, tanto quanto possível, a dureza das suas apreciações imparciais.

Outro sim comunicamos, em seu nome, que as atrizes bonitas não necessitam de intermediarios para serem bem tratadas por Jerolmo; tem consigo proprias, na formosura, a respétiva recomendação.

Quanto aos artistas consagrados tenham este ano a maior cautela com o que fazem, porque Jerolmo está disposto a despertar-los rudemente se adormecerem á sombra dos loiros conquistados, a não ser que apresentem ao abalisado critico empenhocas de tal modo valiosas que não lhes possa resistir, por exemplo, carta do sr. dr. Afonso Costa.

Correspondencia

Maria Cachuca.—D'esta vez não vae. Não queremos mais desgraças cá em casa.

Ramiro.—Com 14 anos apenas o melhor é o menino fazer outra coisa em lugar de versos. Valeu?

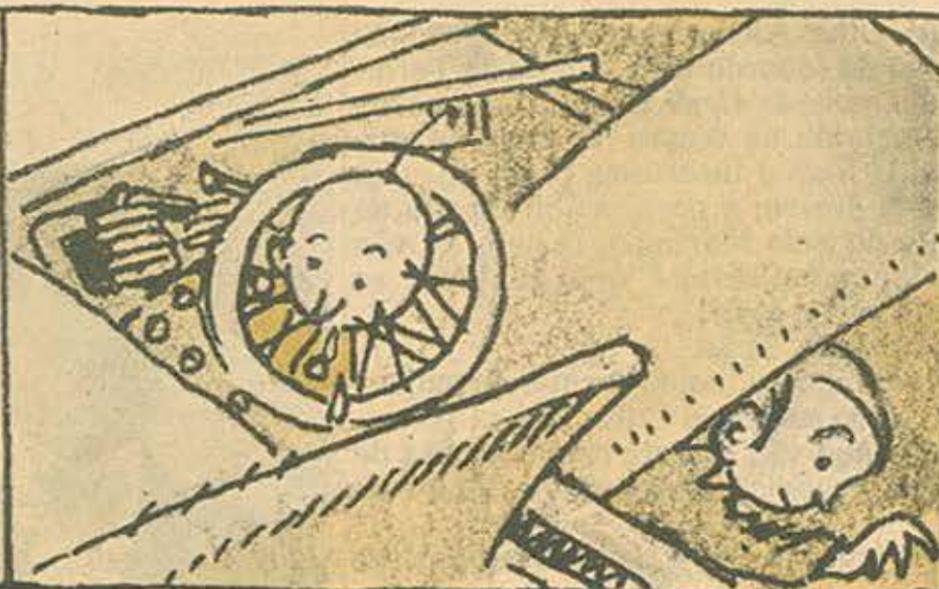
MANECAS E A QUADRILHA DO OLHO VIVO

13.^a Parte — 5.^o Episodio

O MISTERIO DA CASA — (Continuação)



1.—Infelizmente, o aeroplano é atingido e tomba em chamas.



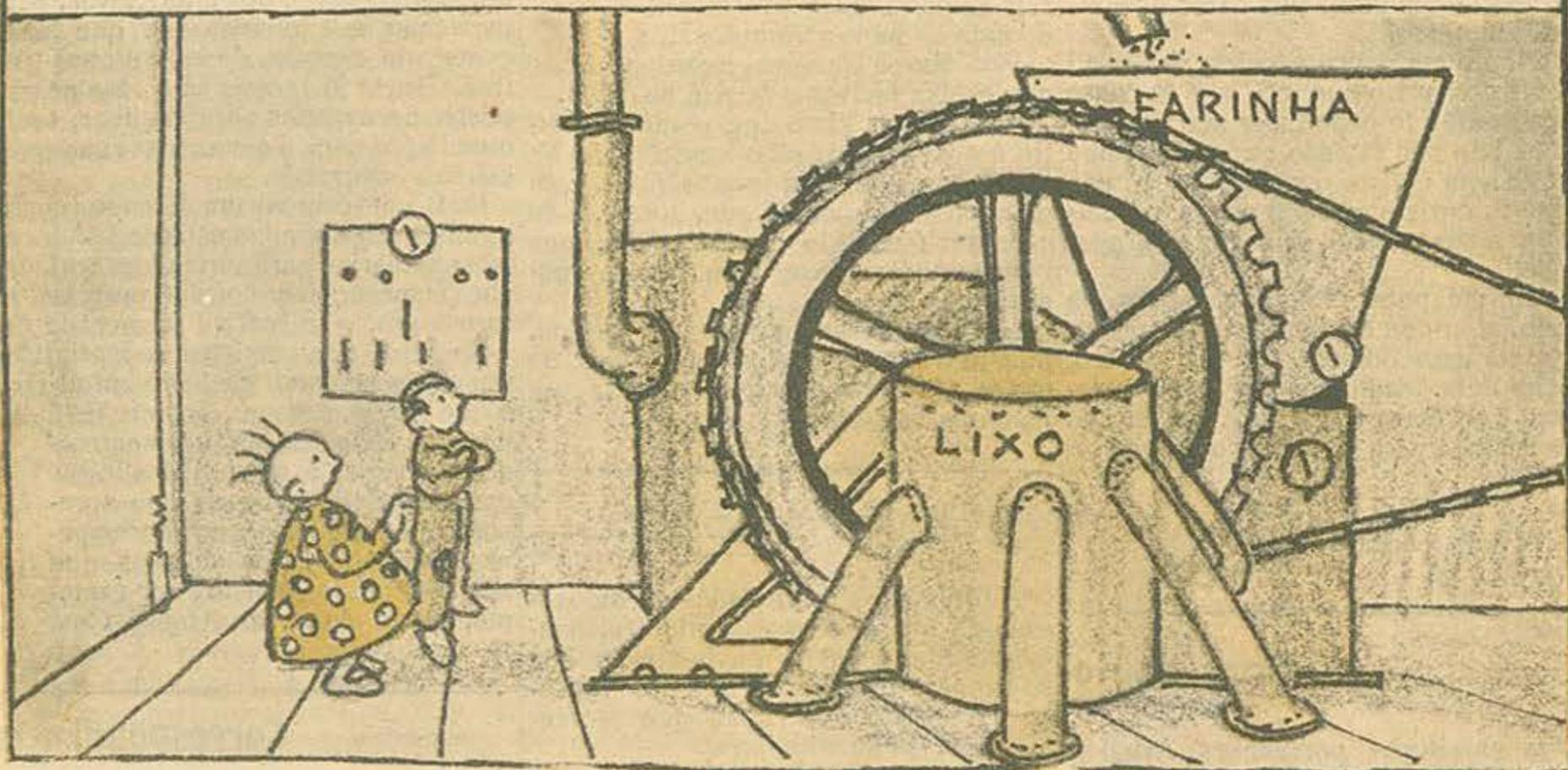
2.—A queda é kolossalissima, mas os dois heroes salvam-se da rascada,



3.—ficando o Manequinhas deitado n'um palheiro proximo, por ter uma perna partida.



4.—Mas o Quim não desanima e corre em socorro do Manecas.



5.—Os bandidos eclipsam-se — que pena! — e o Quim, um valentão que deixa a perder de vista o mais destemido (fez-se agora assim; d'antes era um bocadinho medroso) dá liberdade ao Manecas e passam ambos em revista a celebre casa misteriosa. A certa altura depara-se-lhes um estranho aparelho, que só pelos significativos letreiros que possui lhes permite adivinhar o que seja: — Uma fabrica de moagem de sistema modernissimo...

(Continua)